

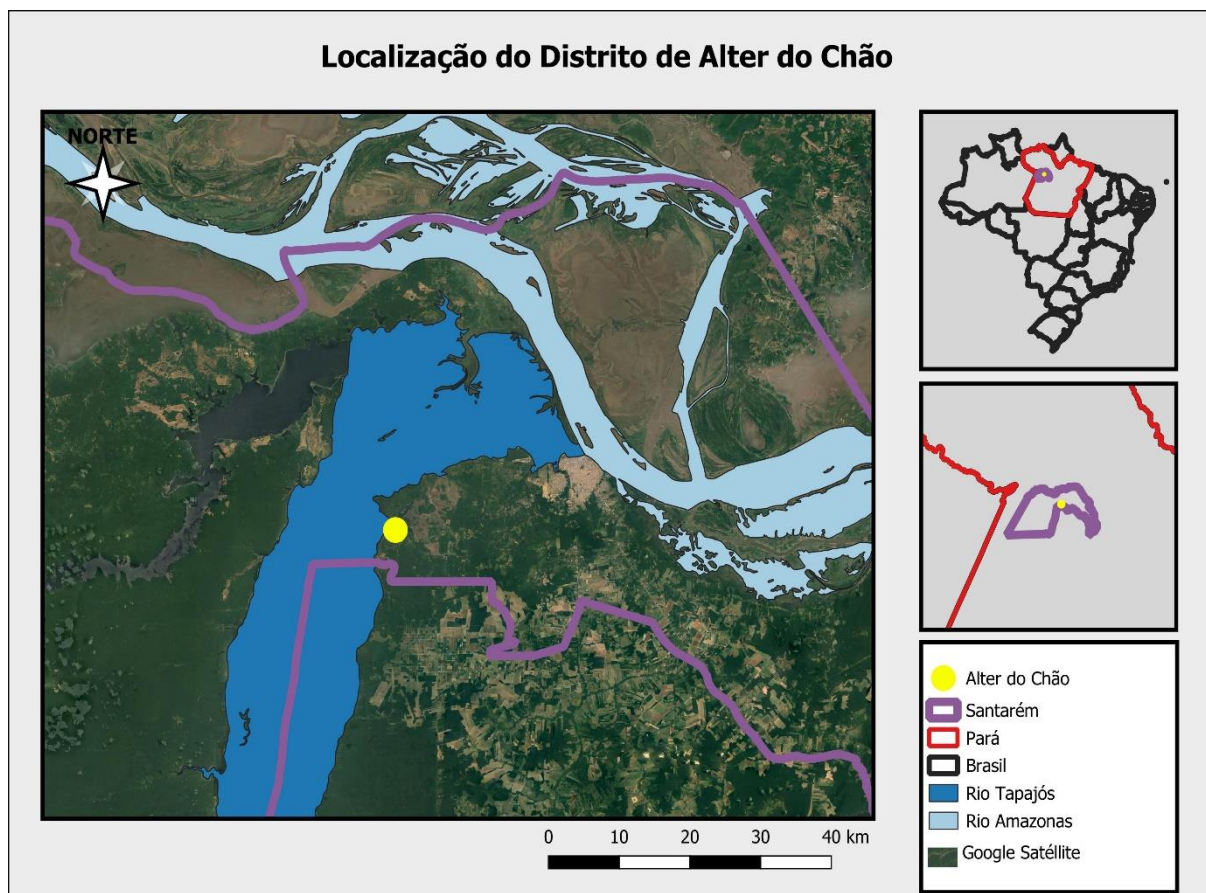


## **A GEOGRAFIA E A PESQUISA DE CAMPO: METODOLOGIA QUALITATIVA DE OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE MEMÓRIAS SAGRADAS E A RESISTÊNCIA CULTURAL DOS BORARI DE ALTER DO CHÃO.**

### **INTRODUÇÃO**

Alter do Chão, território indígena Borari, está situada na região Norte do Brasil, distrito administrativo do município de Santarém, localizado no Oeste do estado do Pará, 37 quilômetros da sede municipal. Mundialmente conhecida como “Caribe Amazônico” pelas suas paisagens naturais, com praias de areias brancas banhadas pelas águas de coloração esverdeada do Rio Tapajós. Esse rio nasce no Mato Grosso e deságua no Rio Amazonas, no município de Santarém. Devido às belezas naturais, Alter do Chão é o principal ponto turístico do Oeste do Pará. De acordo com relatos históricos, o nome Tapajós tem sua origem de uma extinta comunidade indígena que habitou suas margens.

Figura 1: Localização de Alter do Chão





Fonte: Elaborada pela autora, 2025.

A pesquisa qualitativa, com pouco mais de um século de existência, consolidou-se como uma metodologia alternativa para as ciências sociais e humanas, que, em sua fase inicial de estruturação, seguiram o receituário das ciências naturais (Ramires; Pessôa, 2013, p. 23). Tendo como base as ciências naturais, utilizando métodos, técnicas da metodologia quantitativas para as análises dos fenômenos sociais.

Desde a década de 1990, consolida-se o vigor das metodologias qualitativas, com grande originalidade criadora da investigação em ciências humanas e sociais, incorporando novas estratégias de investigação e novos paradigmas teórico-conceituais (Ramires; Pessôa, 2013, p. 24). Sendo um marco importante das ciências humanas e sociais, a ruptura da visão positivista, que visa a quantidade e objetivo dos fenômenos. A pesquisa qualitativa visa uma abordagem profunda que possui significados e disponibiliza possibilidades novas no campo que visa a realidade social.

O método de observação participante se consolida primeiramente na ciência antropológica, sendo que essa metodologia é aplicada pelos antropólogos. De acordo com Stocking (1992, p. 16), “ao analisar Malinowski, confirmou que “o trabalho de campo mediante observação participante, preferivelmente em um grupo social de dimensões reduzidas bem diferente daquele ao qual pertence o investigador, é o marco da antropologia social/cultural”.

A geografia vem aprimorando seus métodos de pesquisa, em especial a metodologia qualitativa. A escolha da metodologia de observação participante, para o estudo junto às mulheres indígenas Borari, é fruto de um longo processo de imersão na realização do campo. Iniciado durante o período da graduação em geografia, e que teve continuidade na pós-graduação, sendo um processo contínuo de aprendizado junto as indígenas Borari de Alter do Chão.

A realização da pesquisa se justifica pela importância da história do povo Borari de Alter do Chão, para que este povo tenha visibilidade, assim, mostrando que Alter do Chão não se restringe a um importante ponto turístico do Brasil, pois é território indígena Borari. Desde os primórdios, esse povo indígena habita essa região, e que, atualmente, ocorre a luta pela demarcação e homologação da Terra Indígena Borari de Alter do Chão.

A pesquisa tem como objetivo apresentar a pesquisa qualitativa de observação participante como metodologia central para compreender a realidade do povo indígena Borari e mostrar a pesquisa qualitativa como uma alternativa nas ciências sociais e humanas, destacando a importância da observação direta ao fenômeno estudado.



Apresento minhas observações, anotações realizadas junto aos indígenas Borari e o campo realizado no ano de dois mil e vinte três destacando a importância da cultura, os impactos que a cultura dos indígenas Borari causa no seu território, sendo forma de identidade, resistência e pertencimento deste povo.

## **METODOLOGIA**

A metodologia utilizada para construção da dissertação foi a de abordagem qualitativa de observação participante. A geografia realiza o diálogo com as demais áreas das ciências humanas e o trabalho de campo no uso da abordagem de observação participante é imprescindível para realização das pesquisas, assim como o diário de campo, instrumento em que se anota todas as percepções, as observações, os relatos, o dia a dia durante a pesquisa de campo.

Para realização da pesquisa qualitativa por meio de observação participante, realizei entrevista com a cacica do povo Borari, que é a principal interlocutora, a qual dialoguei durante toda minha pesquisa. Foram utilizadas fontes iconográficas, cartografias, por meio dos mapas elaborados a partir do trabalho de campo. Realizei um vasto levantamento bibliográfico em livros, teses, dissertações, artigos, sites e demais fontes e, em seguida, elaborei resumos que foram utilizados na escrita dessa dissertação.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A pesquisa qualitativa proporciona a aquisição de novos saberes, sobretudo para a ciência geográfica, no intuito de compreender melhor o(s) fenômeno(s) e/ou os indivíduo(s) pesquisado(s) a partir das percepções e vivências da realidade cotidiana (Marques et al., 2020, p. 229). Essa metodologia vem contribuindo com as pesquisas na geografia, analisando saberes, indivíduo, enriquecendo e aprofundando evidências e gerando novos conhecimentos por intermédio da compreensão do fenômeno pesquisado.

A pesquisa de observação participante realizada no território do povo Borari, mostra como está o processo de ocupação dos agentes externos em Alter do Chão e a luta das mulheres indígenas Borari pela demarcação de seu território tradicional. A pesquisa de campo, a escuta atenta das narrativas, a análise das práticas permitiu a compreensão da complexidade do processo de resistência e as estratégias utilizadas na defesa do modo de vida tradicional em defesa do território.





Quando se trabalha relatos de história ligados à memória, levamos em consideração a fase em que a pessoa se encontra com suas memórias, pois as datas não são recordadas, outrora algum evento importante que faz com que a memória possa ser ativada (Biazi; Padilha, 2021, p. 2007). Os indígenas Borari têm registrados em sua história que desde os primórdios a aldeia era matriarcal, as mulheres sempre estiveram no comando da aldeia. Ao realizar leituras sobre a história dos indígenas Borari, constata-se que em muitos momentos a aldeia Borari tinha as mulheres indígenas Borari como chefe de suas famílias, como maioria na aldeia, visto que no período da Cabanagem — revolta popular na província do Grão-Pará, no período colonial, de 1835 a 1840, em Santarém e região — houve um grande extermínio dos indígenas que habitavam a região do Baixo Tapajós.

A cultura para as mulheres indígenas Borari é uma memória sagrada, um dos principais capítulos do histórico do coletivo, que preserva narrativas, costumes, lendas dos encantados, rituais, o artesanato e o grafismo nas cuias. São muitos saberes preservados, que reforçam a identidade étnica do povo Borari, que resgatam e mantêm viva a cultura dos indígenas Borari de Alter do Chão. A resistência cultural dos Borari de Alter do Chão, possui ação artística e, principalmente, política, preservando as memórias, valorizando saberes profanos<sup>1</sup>, que trazem a história deste povo e consolida a ancestralidade do coletivo indígena Borari.

Ao chegar no primeiro dia de visita a AIBAC fiquei sentada em um dos bancos de madeira, que está localizado ao lado do portão de entrada (Figura 1), que mostra a frente e a rua da associação esperando o presidente da associação sentada. O silêncio foi interrompido somente pelo som emitido pelos pássaros e por macaquinhos e barulhos vindos das árvores que ficam ao redor da área. A rua da frente não possui asfalto, o terreno é todo cercado por cerca de madeira pintada, em frente não tem nenhuma identificação, somente o local que hoje funciona a AIBAC — doado pela ONG Projeto Saúde e Alegria. Em dias de semana, as ruas de Alter do Chão são vazias, pouco se vê pessoas transitando, carros ou motos, o movimento aumenta somente aos finais de semanas — visto que as pessoas se deslocam para Alter do Chão para passear, sendo que, muitas casas ficam fechadas durante a semana, devido seus donos morarem em Santarém.

---

<sup>1</sup> Saberes profanos: sincretismo entre o religioso (católica) e a cosmologia indígena. Nota da autora.



Figura 2: Associação Indígena Borari de Alter do Chão.



Fonte: Trabalho de campo, janeiro de 2023.

Logo chegou um rapaz que fazia parte da associação e passou a me fazer companhia. Nesse dia realizamos um puxirum<sup>2</sup> na AIBAC, digo fizemos já que eu ajudei nos afazeres. O puxirum, vínculo afetivo, onde os membros da comunidade fazem limpeza, seja de locais que se situam dentro ou fora território Borari em Alter do Chão, no roçado, nas festividades e sempre em prol do bem comum.

Logo em seguida, o presidente da associação chegou, já era hora do almoço, então pedimos a nossa refeição, aproveitei para pedir um pirarucu<sup>3</sup> (filé de peixe) para matar a saudade dos pratos de Alter. Em seguida, começamos pela limpeza do espaço que estava tomado por folhas secas, devido à grande quantidade de árvores que o terreno da associação possui, o que, para mim, é a atração principal do local. Notei que uma das Ocas estava sem a sua cobertura feita de

---

<sup>2</sup> Puxirum: termo paraense para designar práticas espaciais coletivas, equivalente a mutirões. Por meio dos puxiruns, os membros da comunidade fazem a limpeza do roçado, organizam festividades e se ajudam em prol de um bem comum. Nota da autora.

<sup>3</sup> Pirarucu: é um dos maiores peixes de água doce do planeta. Nativo da Amazônia, ele promove benefícios para o ecossistema e comunidades que vivem da pesca.





palha. Eu estava muito envolvida no trabalho, varrendo e colocando as folhas em sacos plásticos, por essa razão acabei não fazendo nenhum registro desse momento.

Em seguida, chegou uma moça indígena Borari, que começou a limpar a cozinha. Parei a limpeza do terreno e fui ajudá-la na organização da cozinha, enquanto ela lavava as louças e as enxugava e as levava para cima de uma mesa que estava lá fora (Figura 3), com a imagem da oca e em anexo a cozinha da AIBAC.

Organizamos quase toda a cozinha, fiquei muito envolvida que nem vi a hora passar. Quando me dei conta já eram quase dezoito horas e eu já tinha que ir para o terminal rodoviário esperar o ônibus para voltar para casa. Durante toda tarde fiquei conversando com eles sobre o que tinha ocorrido no período em que não estava presente em Santarém. O presidente me contou que os indígenas Borari tinham conseguido em 2022 ficar à frente da Escola e da Creche, onde os funcionários e o corpo docente atualmente em sua maioria são indígenas Borari de Alter do Chão. Isso se deu por meio de muita luta junto à Secretaria de Educação do município de Santarém, para eles significou uma grande vitória. No fim da tarde voltei para casa.

Figura 3: Oca em anexo a cozinha da AIBAC.



Fonte: Trabalho de campo, janeiro de 2023.

No dia 11 de janeiro de 2023 voltei para Alter do Chão pela parte da tarde. Peguei o ônibus às 13:20 e cheguei no terminal rodoviário às 14:30, fui direto para AIBAC, pois o



terminal fica próximo a associação. Ao chegar notei não havia ninguém, fiquei esperando lá na frente sentada, pois no dia anterior eu havia pedido para o presidente continuar ajudando na limpeza. Dessa forma, poderia conversar e colher mais informações para a pesquisa. Naquela semana, a cacique estava participando de reuniões no CITA<sup>4</sup>, que fica localizado em Santarém, na Rodovia Fernando Guilhon, no bairro Juá, para a tomada de decisões sobre as várias questões que envolviam o movimento indígena Tapajós/Arapiuns. Passamos a tarde trabalhando na limpeza da parte externa e da biblioteca Borari (Figura 4), cujo seu nome é Oca do Saber.

Figura 4: Biblioteca Borari Oca do saber.



Fonte: Trabalho de campo, janeiro de 2023.

Na biblioteca encontramos um grande acervo de livros, uma sala que contém computadores, e que atualmente não funcionam, mas que já proporcionou cursos de informática para os indígenas Borari que são associados. Porém, já foi feita a solicitação de verba para parcerias, na iminência de conserto dos computadores, com intuito de proporcionar novamente curso de informática gratuito para a comunidade.

A biblioteca possui exposição da cerâmica Borari, herança ancestral, que simboliza a resistência, uma das formas de resgate para manter viva a cultura indígena Borari. Elas são produzidas às mãos das artesãs, mulheres indígenas da comunidade, confeccionadas em argila são vasos e utensílios diversos, com representações de animais a exemplo de o boto amazônico, a tartaruga e a arraia (Figura 5).

---

<sup>4</sup> CITA: Conselho Indígena Tapajós e Arapiuns, O CITA, criado em maio de 2000, tem por objetivo a promoção do bem-estar social, político, econômico e cultural, dos 13 povos indígenas da Região do Baixo Tapajós, são eles: Arapium, Apiaká, Arara Vermelha, Borari, Jaraqui, Kumaruara, Maytapu, Munduruku, Munduruku Cara- Preta, Tapajó, Tapuia, Tupayú e Tupinambá. Nota da autora.





**Figura 5:** Cerâmica Tapajônica Borari.



Fonte: Trabalho de campo, janeiro de 2023.

A cerâmica tapajônica possui grande importância, sendo uma fonte de informações e de elementos sobre a história e a cultura dos povos indígenas do Baixo Tapajós. Mediante a análise das peças de cerâmica, pesquisadores fazem história sobre o modo de vida desses povos, sua cosmologia, seus rituais, crenças religiosas, contribuindo para o processo de afirmação e identidade étnica dos Borari de Alter do Chão.

As manifestações culturais dos Borari em Alter do Chão é a forma de imposição de seus corpos no território que por intermédio da arte indígena faz uma reconstrução de sua ancestralidade por meio dos rituais, das danças, das bebidas e das comidas típicas do coletivo Borari. Os festivais culturais, Festival Borari e Festival do Sairé são as principais formas de visibilidade e resistência deste povo, sendo que o Festival do Sairé alcançou visibilidade nacional.

O Festival do Sairé é uma manifestação cultural de origem dos indígenas Borari de Alter do Chão, tendo sua parte profana e religiosa, o festival é resultado de um sincretismo entre o catolicismo e os rituais indígenas que teve início no século XVII. Inicialmente caracterizada





por rituais indígenas, a Festa do Sairé foi incorporada, após a colonização, aos elementos da cultura europeia, sobretudo aos da Igreja Católica. A influência dos padres jesuítas que residiam em Alter do Chão durante o período colonial foi determinante nesse processo, resultando na associação da celebração à devoção a Nossa Senhora da Saúde. Em outubro de 2024 a Festa do Sairé, realizada há mais de 300 anos, foi reconhecida como manifestação da cultural nacional por meio da Lei nº 14.997/2024.

O meu contato com a comunidade indígena Borari, primeiramente, deu-se mediante o Festival do Sairé. Nas memórias de minha infância guardo momentos vividos em Alter do Chão com minha família, em especial na Ilha do Amor, que é a principal praia do lugar, um banco de areia que desponta no período do verão amazônico e evoca um sentimento de emoção e encantamento à primeira vista. Em julho, durante as férias, a expectativa tomava conta de mim. Meus pais nos levaram para o Festival do Sairé, em Alter do Chão. Na década de 1990, a vila era tranquila, eu com apenas sete anos me encantava com a beleza do lugar: o verde da natureza, o rio, a areia branca da praia, o clima de festa da vila e a energia contagiante das pessoas. A programação do festival era bem diferente da que se tem atualmente.

O Festival do Sairé acontecia na praça Sete de Setembro, não tinha a proporção que tem hoje, não tinha apresentação dos Botos Tucuxi e cor de rosa. Lembro-me das noites de sábado em que acontecia o festival, com a apresentação de danças folclóricas realizadas pela comunidade indígena Borari, como o tradicional carimbó e com a dança do Cheiro do Sairé, onde os componentes jogavam uma água perfumada, produzida a partir das folhas das plantas da floresta. A plateia assistia atenta e encantada a todas as apresentações.

Na manhã de domingo íamos para a praia, onde atravessamos de catraia para a Ilha do Amor, passávamos o dia na praia, aproveitando o sol, a areia branca e a água doce, cristalina e geladinha do rio Tapajós, que para mim é único no Brasil. No fim da tarde atravessamos novamente e a noite a programação do festival continuava, porém devido ao trabalho dos meus pais, nós voltávamos ao anoitecer para nossa casa em Santarém.

Foram muitas aventuras vividas na infância participando do festival, em um deles meus pais não conseguiram local para dormimos, então minha mãe colocava o colchão do berço no banco de trás do fusca branco que nós tínhamos. Em outro ano, lembro-me de ficar em uma casa que era da prima da minha mãe, que estava cheia de parentes e que tive que dormir em um colchão no chão. Lembro-me que naquele ano choveu muito e que tivemos que voltar logo,



visto que o Festival foi interrompido, pois acontecia em um palco sem cobertura localizado na Praça Central.

Essas recordações marcaram a minha infância e as levo comigo em minhas memórias, momentos felizes que vivi com meus pais e minhas irmãs em Alter do Chão. Na década de noventa a paisagem da vila era totalmente diferente, poucas ruas eram asfaltadas, a especulação imobiliária não tinha chegado na vila, não existiam prédios e casas de praia luxuosas, uma dinâmica espacial totalmente diferente das atuais.

Da adolescência tenho poucas lembranças de minhas idas a Alter do Chão, porém quando voltei a prestigiar o Festival do Sairé, tudo tinha mudado e a festa tinha ganhado outra roupagem, nova proporção, de importância mundial, com um Festival que até os dias atuais é prestigiado por milhares de turistas e pela população local de Santarém, do Pará e do Brasil. Começando pela escrita da palavra “Sairé”, que por via de votação na comunidade hoje possui duas formas de se escrever seu nome, Festival do Çairé ou Festival do Sairé. A comunidade indígena Borari prefere que seja escrito como Festival do Sairé com S, visto que a escrita com Ç para eles foi uma questão de marketing.

Atualmente, o Festival é realizado no mês de setembro, geralmente no terceiro fim de semana, começando na quinta (como desde sua criação) e se encerrando na segunda. Após o ano de 1997 foi alterado o calendário do Sairé com a inclusão do Festival dos Botos, por influência do mercado turístico, onde nas noites de sexta e sábado é realizado a disputa dos Botos Tucuxi e cor de Rosa. A realização do Festival passou a ser na praça do Sairé e, devido à grandeza do Festival, não foi possível ser realizada na Praça Sete de Setembro.

O Festival Borari teve seu início no ano de 1994, sendo uma amostra da cultura dos indígenas Borari de Alter do Chão, com apresentações artísticas que acontecem durante três dias, com os rituais, procissão do Sairé, apresentação de grupos de danças regionais e exposição do artesanato. Momento de fortalecimento da história deste povo.

Com a abertura do edital Aldir Blanc, no ano de 2022, a cacique, as mulheres e indígenas elaboraram o projeto intitulado Histórias Cantadas, inserido na Associação Indígena Borari de Alter do Chão, que foi contemplado e pôde, assim, ser desenvolvido. Outro plano que está em elaboração é levar o Festival Borari pela Semeiar e em seguida partir para Roane. Além desses trabalhos, os indígenas Borari foram convidados a fazer parte da 4ª edição do Festival de Cinema de Alter do Chão 2022 — Um olhar para a Amazônia, Os Povos do Mundo, a Valorização do Cinema, o Reconhecimento dos Direitos Globais e da Natureza, que aconteceu de 16 a 20 novembro de 2022 em Alter do Chão. Em parceria com a Secretaria de Cultura, foi pedido o apoio da AIBAC e os indígenas Borari aceitaram o convite, participando os quatros





dias apresentando danças, rituais, entre outras manifestações — este evento ocorreu na Praça Sete de Setembro e no Barracão Comunitário. Foi montada toda uma estrutura no coreto da praça, na qual ficou a exposição em homenagem ao grande poeta e escritor da Amazônia, do Brasil e do mundo, Thiago de Mello, assim como um show em homenagem ao violonista e compositor Sebastião Tapajós.

A praça foi ornamentada e se transformou em Floresta Amazônica, com uma grande tenda Borari no centro da praça para a exposição de filmes. Foi levada para a exposição a arte do artesanato feito pelas mãos das mulheres indígenas Borari. Nessa ocasião, foi feito o lançamento da feira do artesanato indígena, fazendo-se presente seis etnias. Em contrapartida, a organização do festival de cinema presenteou a AIBAC com o site da associação e a sua manutenção.

Durante o festival, os indígenas Borari apresentaram a questão cultural, ao trazer a apresentação do rito religioso do Festival do Sairé; houve ainda a apresentação de grupos de carimbó. Nesse período, tudo o que os indígenas Borari produziram foi levado para praça, como, por exemplo, a barraca de comidas típicas. Houve no encerramento do festival dos indígenas Borari a apresentação da dança Cheiro do Sairé, que há 26 anos não chegava na Praça Sete de Setembro, desde que o Festival do Sairé foi transferido para a praça do Botos.

O Lago Verde, chamado pela cacica de Lago verde do Muiraquitã — o lago da comunidade indígena, é uma memória sagrada necessária para continuidade da cultura de todo coletivo indígena Borari de Alter do Chão. O lago possui valor de persistência da crença da Lua e na transfiguração de seres encantados, segundo os relatos dos ancestrais indígenas Borari de Alter do Chão. A cacica relatou, durante uma entrevista em 2021, que tem em sua memória a história que era contada por sua mãe:

Onde a muitos anos os nossos antepassados que aqui viviam, eles deram falta de uma índia jovem que sumiu da aldeia, houve grande procura, uma busca, Alter do Chão, o povo Borari, tem como intercessor, para o criador, para Tupã, a lua. Os povos se reuniram, com todo o povo Borari, para pedir pra Lua mostrar onde a índia estava. E a lua então, no ritual, respondeu, que ela ia mostrar, que ela ia devolver. Então foram no lago. Aí na tarde, formou um grande temporal. E viram sair do meio do lago uma árvore, com frutos coloridos que brilhavam como luzes. E essa árvore passeava pelo rio, flutuando. Fez o passeio, e ela retornou de onde tinha saído. Então eles foram ver o que era aquilo. Aqueles frutos, tinham se transformado. Eles se transformavam em sapos verdes, que formavam um grande tapete no lago. Por isso, Lago Verde dos Muiraquitãs. O nome dessa índia era Naiá. A árvore recebia o nome de Zineira, a árvore dos sapinhos (cacica Neca Borari, em dezembro de 2021).

Percebe-se que a memória cultural é uma evidência da existência desse povo em Alter do Chão, antes da colonização e da chegada das missões jesuítas no território, memórias



presentes para a cacica e para os mais velhos indígenas Borari de Alter do Chão. As memórias culturais acima relatadas, as evidências que constam em documentos, foram referência para o processo de identidade étnica e para elaboração do Relatório circunstanciado de identificação e delimitação Terra Indígena Borari de Alter do Chão, realizado pela FUNAI em 2009, que chegou à conclusão de que as terras de Alter do Chão “são de ocupação tradicional do grupo indígena Borari” (Pereira, 2009, p. 193).

A análise da pesquisa de observação participante, associada aos relatos da cacica, aos levantamentos bibliográficos e associado à pesquisa de campo, demonstra a força da memória sagrada como elemento central para a preservação da identidade e da resistência cultural. As histórias contadas e cantadas, os saberes ancestrais transmitidos oralmente, os costumes, os rituais, o artesanato, o grafismo e a cerâmica tapajônica possuem profundo simbolismo e significados.

A preservação dessas raízes, fato que aconteceu com o reconhecimento cultural da Festa do Sairé por via de uma lei federal, fortalece a luta e os laços de ancestralidade e asseguram o pertencimento ao território. Essas ações se configuram à luta coletiva em defesa da demarcação do Território e da cultura dos Borari. Os festivais Borari e Sairé, são exemplos de como a população se apropria de seu espaço celebrando a história dos indígenas Borari. Dessa forma, reafirmam a sua presença e identidade em Alter do Chão.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A metodologia qualitativa de observação participante é uma ferramenta importante para a compreensão das complexidades da humanidade, em que o campo e a interação com os sujeitos da pesquisa, aguça o olhar sobre vivência e experiências das observações sociais. O pesquisador, ao fazer parte da vida do sujeito, não somente observa, passa a ter contato pessoal, caminhando junto, convivendo, integrando-se aquele determinado povo. Ele passa a conhecer particularidades que existe por traz de costumes, crenças e da vivência com as diferentes culturas. Isso somente é possível por meio dos campos realizados, do uso do diário de campo, de um determinado tempo de convívio para compreensão da realidade social mediante olhar e sentir do participante.

A utilização da metodologia de observação participante no território das mulheres indígenas Borari foi importante para o entendimento da história do lugar, das lutas pelo território, pela identidade e as transformações que ocorreram no espaço desde o avanço da fronteira pelos agentes externos. Ao acompanhar o dia a dia do povo Borari, ao participar de





suas atividades, ao ouvir suas histórias e experiências, criou-se laços de confiança para que os dados fossem coletados de forma autêntica.

A pesquisa de observação participante evidenciou a força das memórias sagradas na preservação da identidade dos indígenas Borari, sendo que as histórias cantadas, os saberes ancestrais, os rituais, o artesanato, a cerâmica tapajônica, são elementos que mantém viva a cultura Borari; não somente, ela fortalece os laços de ancestralidade com o território. As manifestações culturais como o Festival do Sairé são momentos de reafirmação da ancestralidade e da transmissão dos saberes para as próximas gerações.

## REFERÊNCIAS

BLAZI, Aparecida Belino Padilha de.; PADILHA, Jandaíra Belino. Corpo território: O conhecimento ancestral resistindo ao tempo, a história e a memória da mulher Kaingang. **Cadernos Nauti: Núcleo de Dinâmicas Urbanas e Patrimônio Cultural**, v. 10, n. 9, p. 199-221, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/230567/Corpo%20territ%C3%B3rio%2000%20conhecimento%20ancestral%20resistindo%20ao%20tempo%2c%20a%20hist%C3%B3ria%20e%20a%20mem%C3%B3ria%20da%20mulher%20Kaingang.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: maio de 2024.

MARQUES, Katiúscya Albuquerque de Moura; SCABELLO, Andrea Lourdes Monteiro; VIANA, Bartira de Araújo da Silva. Pesquisa qualitativa e geografia: uma apreciação metodológica. **Revista Eletrônicas da UFPI**. Universidade Federal do Piauí, Teresina, v. 2, n. 2, p. 227-244, 2020. Disponível em: <https://revistas.ufpi.br/index.php/geografia/article/view/11967>. Acesso em: 28 de jul. de 2024.

PEREIRA, Ricardo Neves R. **Relatório circunstanciado de identificação e delimitação Terra Indígena Borari de Alter do Chão, Brasília**: FUNAI, 2009. 205p.

RAMIRES, Julio Cesar de Lima; PESSÔA, Vera Lúcia Salazar. Pesquisas qualitativas: referências para pesquisa em geografia. In: **Pesquisa qualitativa em geografia: reflexões teóricas-conceituais e aplicadas**. Rio de Janeiro: EDUERJ, p. 207-221, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.7476/9788575114438.0013> Acesso em: 27 de jul. de 2024.

STOCKING JR., George. The ethnographer's magic: fieldwork in british anthropology from Tylor to Malinowski, in George Stocking Jr., **The Ethnographer's magic and other essays**, Madison, The University of Wisconsin Press, 1992.

Tapajós de Fato. **Impactos da gentrificação em Alter do Chão**. Santarém: 2021. Disponível em: <https://www.tapajosdefato.com.br/noticia/208/impactos-da-gentrificacao-em-alter-do-chao->. Acesso em: 6 de ago. de 2024.